



ENTREVISTA

TECENDO HISTÓRIAS: UM BATE-PAPO SOBRE PAIXÃO POR RÁDIO, PAUTAS INCLUSIVAS E A ERA DE OURO DOS PODCASTS COM PAULA SCARPIN, IDEALIZADORA DA RÁDIO NOVELO

Deyse Alini de Moura¹

RESUMO: O número de consumidores de podcast no Brasil durante a pandemia de Covid 19 atingiu índices que impressionam e atraem o mercado publicitário, mas esse aumento também fomenta esperanças de uma utilização democrática da comunicação. Em entrevista, a diretora de criação da Rádio Novelo, Paula Scarpin, fala sobre a busca constante pelo jornalismo de qualidade praticada pela produtora que, entre sugestões de pautas e uma forma própria de produção, persegue a pluralidade de vozes, cenários e histórias.

PALAVRAS-CHAVE: *Entrevista. Mídia sonora. Podcast. Rádio Novelo.*

ABSTRACT: The number of podcast consumers in Brazil during the Covid-19 pandemic has reached impressive figures that attract the advertising market, but this increase also fosters hopes for a democratic use of communication. In an interview, Paula Scarpin, creative director of Rádio Novelo, talks about the producer's constant pursuit of quality journalism, which, among story suggestions and its own way of production, chases a diversity of voices, scenarios and stories.

KEYWORDS: *Interview; Sound Media; Podcast; Rádio Novelo.*

¹ Jornalista, doutora em Mídia-Arte Digital pela Universidade Aberta de Portugal e pós-doutoranda no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sendo bolsista pelo Programa de Pós-Doutoramento para Pesquisadoras e Pesquisadores Negros Brasileiras/os da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento da Universidade de São Paulo, edital 01/2023. E-mail: deyse.moura@gmail.com

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 14 - Volume 01 - Edição 29 - Janeiro - Junho de 2024

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

Introdução

Dia de sol em Copacabana. Apesar do calor e da paisagem convidativa, eu não estava lá para um banho de mar. Minha pesquisa aborda etnomídia indígena – forma particular de apropriação dos meios para o exercício de uma comunicação em defesa dos direitos e da preservação da cultura e da ancestralidade, produzida por e para os povos originários (TUPINAMBÁ, 2016; NASCIMENTO, 2021). Mas também abrange outro tema que me é muito caro: podcast. Sendo assim, aproveitei a estadia de alguns dias na capital fluminense para visitar o escritório da Rádio Novelo, atualmente conhecida como a maior produtora de podcasts jornalísticos do país², e que para mim se tornou meio que uma Maurício de Sousa Produções do mundo do áudio, só que em vez daquele “Almanacão de Férias Turma da Mônica” cheio de histórias em quadrinhos, me traz um monte de histórias em formato de podcast pra maratonar quando preciso preencher o silêncio.



Figura 1. O boas-vindas da Novelo.

² Rádio Novelo. (n.d.). Sobre nós. Retrieved December 6, 2023, from <https://radionovelo.com.br/sobre-nos/>

Os dois assuntos – uma pauta etnocentrada e um podcast – se conectaram e me chamaram a atenção para a Rádio Novelo no segundo ato do Episódio 17, “Caixas Pretas”³. Veiculado em 16 de março de 2023, o programa narra a história de uma comunidade indígena atingida por um desastre aéreo e que reivindica judicialmente seus direitos por reparação, mas não apenas por danos materiais ou morais. Recomendo muito ao leitor essa escuta, pois daqui não sai *spoiler*.

Outros episódios marcantes que têm personagens e/ou enredos que contam com a temática indígena como ponto central são os de número 30, “Deise e Doroteia”; 41, “Caixa de Ferramentas”; 48, “Tão perto e tão longe”; 50, “Vida depois do fim”⁴. E assim, com histórias, personagens, cenários, contextos e desfechos que não costumamos ouvir por aí, a Novelo foi crescendo e se tornando uma gigante bola de lã sonora. Só o original (programa da casa, produzido sem parceria) Rádio Novelo Apresenta, com quatro meses de existência, havia batido a marca de 1 milhão de downloads.

Os números corroboram o crescimento vertiginoso de consumo de podcast no Brasil nos últimos cinco anos. De acordo com pesquisa da Associação Brasileira de Podcasters (AbPod), aproximadamente 34,6 milhões de pessoas são ouvintes de podcast no país, o equivalente a 16% da população brasileira. Uma pesquisa realizada pelo Ibope para a CMI Globo mostrou que 44% dos brasileiros ouvem podcasts enquanto realizam tarefas domésticas, 38% ao navegar na internet, 25% antes de dormir e 24% quando trabalham ou estudam⁵. O grande *boom*, tanto na produção quanto no consumo desse formato foi sentido durante a pandemia da Covid 19 (JORNAL DA USP, 2023).

E foi justamente esse o gancho para o início do meu bate-papo com a Paula Scarpin. Antes, uma breve biografia: ela é jornalista formada pela USP; estudou teoria da narrativa radiofônica no mestrado entre PUC-Rio e Sorbonne Paris Cité 7, e prática na Transom Workshop. Foi repórter da Revista Piauí por doze anos, e lá criou e dirigiu

³ Rádio Novelo. (2023, March 16). Caixas pretas - Histórias sobre (in)comunicação. In Episódio 17. <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/caixas-pretas/>

⁴ Rádio Novelo. (n.d.). Rádio Novelo Apresenta. Retrieved December 22, 2023, from <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/>

⁵ Globo. (2021, July 17). Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros. Gente. <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>

os podcasts da casa (dentre os quais o famosíssimo e infelizmente falecido Foro de Teresina), até idealizar a Rádio Novelo junto a Branca Vianna.

ENTREVISTA

Deyse Alini de Moura: *Eu queria que você falasse um pouco sobre como começou a Rádio Novelo. É uma história que se mistura com a história do crescimento e do consumo de podcast no Brasil, né?*

Paula Scarpin: *É, eu acho que teve um *timing* ali, que as coisas estavam começando a acontecer. Eu fui fazer jornalismo porque gostava muito de rádio. Eu adoro áudio, cresci ouvindo muito rádio. Eu até brinco que tinha sempre um aparelho de rádio em cada cômodo da casa, às vezes sintonizados em estações diferentes, todos ao mesmo tempo. Eu sempre gostei muito de contar história também. Mas quando começaram a aparecer as oportunidades de estágio na faculdade, não tinha nada muito interessante em rádio. Então eu comecei a fazer mais pro lado do impresso, mas aquela pulguinha do rádio ficou em cima.*

6

E aí, quando eu comecei a ouvir falar em podcast, eu falei “cara, é isso! Porque aí eu posso fazer o conteúdo que eu quiser, né? Do jeito que eu quiser”. Eu já trabalhava na Revista Piauí na época. Então falei “vamos tentar fazer podcast aqui, fazer as histórias que a gente conta na Piauí, só que no formato podcast”. Mas aí era isso, era uma ideia minha, que nem sempre conseguia tirar do papel. Eu fiz alguns experimentos, mas sempre uma coisa no meu tempo vago, porque eu era contratada para ser repórter, então eu precisava fazer minhas reportagens; então não saiu muito.

E eu demorei também para sacar o quanto que é um trabalho coletivo, muito difícil de fazer sozinha. Tem muita gente que faz. Mas do jeito que eu tava querendo fazer era muito difícil.

Em 2012 eu já tinha feito muita coisa, tentativas, umas coisas na Rádio Batuta do Instituto Moreira Sales, e aí eu resolvi fazer um mestrado entre a PUC Rio e a França, uma parte aqui, uma parte lá. Depois desse tempo fora, quando eu voltei, as coisas que

eu comecei a fazer estavam dando um pouquinho mais certo. E aí teve um momento, no final de 2017, em que eles falaram: faz um plano pra gente criar a Rádio Piauí. E aí eu criei o formato do Foro de Teresina – enfim, peguei emprestado de vários outros, tem muita coisa gringa que a gente fica puxando as ideias. Eu queria uma mesa redonda de política, porque eu via o Fernando, a Malu e o Toledo conversando – era essa a formação da bancada no começo – e achava que, gravando aquilo, se a gente pusesse um pouquinho de estrutura, já daria certo.

E a Branca [Vianna], que é a fundadora da Rádio Novelo, é casada com o João Moreira Sales, que é o *publisher* da Piauí, ela sempre gostou muito de podcast, então a gente trocava muito “ah, você ouviu tal coisa? Ouvi tal coisa e tal.” E quando eu comecei a falar de fazer a Rádio Piauí, ela falou “ah, eu tinha muita vontade de fazer um podcast sobre mulher e o mercado de trabalho; você faz comigo?”, e eu falei “é lógico, vamos fazer!” e a gente fez “Maria vai com as outras”.

E aí nesse primeiro ano da Rádio Piauí foi isso: Foro de Teresina, Maria vai com as outras e a gente fez um podcast que era sobre a Copa, porque era ano de Copa também, 2018.

Deyse Alini de Moura: *Foi “O Sequestro da Amarelinha⁶”?*

Paula Scarpin: Não, esse se chamava “Tudo que você não quer e não precisa saber sobre a Copa”. Foi só com quatro episódios, porque era só sobre os *underdogs* da Copa, tipo uns times que você não achava que ia passar da fase de grupos. E aí eles foram todos eliminados, acabou o podcast [*risos*].

Aí, no fim do ano, a gente viu que a Branca e eu deu muito certo trabalhando junto, a gente falava muito a mesma língua e começou a ficar com vontade de fazer mais coisas mais narrativas e tal. A gente se interessou muito em fazer um podcast sobre o Caso Doca Street e Ângela Diniz, mas a gente falou “vamos tentar fazer isso entre a gente, porque, querendo ou não, a Piauí tem toda uma estrutura de editor” e o que a gente

⁶ <https://piaui.folha.uol.com.br/podcast/tema/sequestro-da-amarelinha/>

queria era ter mais controle sobre o processo, né? E aí ela falou “cara, e se a gente abrisse uma empresa? Você sai do Piauí, a gente abre uma produtora”. Isso foi no final de 2018 para 2019 e foi tudo muito rápido depois que a coisa deslanchou. E a gente resolveu fazer.



Figura 2. Pôster emoldurado da arte do podcast Praia dos Ossos com críticas positivas da grande mídia.

Em março de 2019 a gente abriu a Novelo. Eu, a Branca, a Flora Thomson-Deveaux, Guilherme Alpendre que tava na salinha com quem você falou e a Kellen Moraes, que trabalhava comigo na Piauí. A gente montou a equipe e já cresceu bastante nesse tempo. A gente até brinca, porque a gente fundou a empresa pra fazer o “Praia dos Ossos”, então depois tinha que ficar inventando coisa pra poder sustentar, né? Não ser só uma empresa pra *um* podcast e tal! E aí a gente começou, a Piauí virou um cliente. A gente continuou fazendo o Foro de Teresina, A Terra é redonda, o Maria vai com as outras

durou mais um tempinho; depois a Branca cansou de falar sobre o tema mulher e mercado de trabalho, queria dar uma arejada, e a gente começou a trazer gente que a gente gostava, tipo o Tiago Rogério. Tinha acabado de ter o Projeto1619 no The New York Times⁷, aí falamos “vamos fazer um projeto sobre a História do Brasil sob uma perspectiva afrocentrada” e ele saiu do Google pra vir fazer isso junto com a gente.

Então a coisa foi crescendo. Hoje a gente até diminui um pouco, porque teve uma época em que a gente tava fazendo dezenove podcasts ao mesmo tempo. E era uma loucura, porque a gente tava fazendo todos os podcasts da TV Futura. A gente tava pegando muito cliente.

E assim, a gente é jornalista, tava com muita vontade de fazer um lugar que tivesse as histórias pra gente contar. Tem esse compromisso com a diversidade que a gente quer muito ter, vozes diferentes e diversidade regional, de raça, de orientação sexual, de gênero e tudo. Muitas vezes, a gente fala que a gente quer falar *dessa* história, mas não vai ser *a gente* que vai falar. A gente vai contratar uma pessoa do *lugar* pra falar. A gente edita aqui, então, cria meio que uma revista em formato podcast. A gente tá focado principalmente no Rádio Novelo Apresenta. Continuamos fazendo as séries, mas o nosso grosso de trabalho hoje em dia é o Rádio Novelo Apresenta.

⁷ <https://www.nytimes.com/interactive/2019/08/14/magazine/1619-america-slavery.html>



Figura 3. Flâmula com a arte do Rádio Novelo Apresenta também ajuda a adornar as paredes da produtora.

Deyse Alini de Moura: *São duas ou três histórias semanais, né? É interessante porque é jornalismo literário ao mesmo tempo. Você conectar dois temas e tudo fica muito harmonioso. Como é o tratamento de roteiro? Vocês têm a ideia, vocês fazem um “brainstorm” ou o repórter sugere?*

Paula Scarpin: Tem vários jeitos diferentes. Tem reunião de pauta semanal, e a equipe fixa também. A gente tá recebendo muita sugestão. Tem o e-mail apresenta@, que toda a equipe recebe, e uma pessoa da equipe, por semana, fica responsável por ler tudo, fazer um resuminho pra mandar pra todo mundo e a gente debater. Então a gente debate todas as que chegaram, todas as ideias que alguém teve, como tá o andamento das pautas e tal. E aí, conforme elas vão avançando em produção – porque às vezes tem pauta que em uma entrevista resolveu; tem pauta que às vezes fica meses.

Deyse Alini de Moura: *A da investigação do autor dos comentários da caixa de comentários⁸!*

Paula Scarpin: O Vítor [Hugo Brandalise] ficou muito tempo em cima dessa pauta! Às vezes a coisa vai embolando, fica muito tempo, então a gente só vai começar a juntar quando a apuração já tá mais redonda. E aí tem um jeito diferente de fazer também. Às vezes o próprio repórter escreve; às vezes – e a gente tá fazendo mais isso hoje em dia, principalmente com o freela, porque às vezes o freela não tá a fim de escrever o roteiro e é o jeito mais rápido também – o freela faz toda apuração, entrevista, a gente orienta como usar o equipamento, como é que sobe na nuvem pra gente poder colocar no app de transcrição, passa pra ele a transcrição pra ele selecionar os trechos que ele gosta, mas em vez dele pegar e sentar pra fazer o roteiro, a gente grava uma conversa dele com a Branca ou com alguém da equipe e alguém da equipe faz esse roteiro costurando tanto que o freela falou, ou seja, o repórter, né, quanto as entrevistas que ele fez. Aí, com o roteiro aqui dentro, anda um pouquinho mais rápido, porque entra meio que no nosso fluxo. “Ah, entreguei um hoje, eu já posso pegar um depois”.

11

Deyse Alini de Moura: *Então é uma grande estrutura, porque quando a gente ouve, dá pra sentir uma unidade. Eu me perguntava “se são pessoas diferentes que contam as histórias, como é que esses roteiros são tão alinhados?” Mas é por causa desse trabalho, e por um último tratamento, né?*

Paula Scarpin: Eu faço o último tratamento de todos os roteiros, seja do Rádio Novelo Apresenta, seja de outros podcasts nossos. Muito raramente não sou ou outra pessoa da equipe que faz, de pegar e mexer nessa linguagem, dar um *tapinha*. Muitas vezes é a Flora que faz a primeira versão do roteiro ou mesmo trabalhando, assim como é a própria Letícia [Leite, voz do ato 2 do Caixas Pretas], tipo, ela é uma pessoa que trabalha com podcast, então ela conhece a linguagem, fez a apuração toda ela mesma,

⁸ Episódio 38, Eu quero acreditar.

mas na hora que ela termina a apuração a gente sempre faz uma *reunião de arco*, que a gente chama, que é pegar e dizer “olha, eu entrevistei fulano” e aí a pessoa vai sempre ficar consultando muito o material, vai falando pra gente o que veio na apuração, “veio isso, veio aquilo, isso aqui ficou interessante” e aí a gente junta. “E se a gente abrir com essa cena aqui, aí vai passando por aqui, aí a gente apresenta esse personagem, aí termina com isso”. A gente faz o arco junto, planeja; aí a pessoa vai sentar pra escrever. Então a gente participa, é tudo muito coletivo. A gente tá o tempo inteiro em reunião, isso é muito legal, sabe, porque a gente fica o tempo inteiro construindo junto.

Deyse Alini de Moura: *Eu sempre acho interessante quando chega na parte da leitura da ficha de créditos...*

Paula Scarpin: Enorme! *[risos]*

Deyse Alini de Moura: *Eu queria que você falasse um pouco sobre o papel da Rádio Novelo nesse cenário do “boom” dos podcasts e sobre o podcast em si enquanto uma ferramenta de comunicação que é nova - mas ao mesmo tempo não é tão novidade assim. O que que tem de novo nisso?*

Paula Scarpin: Ah, não sei... a parte de ser um podcast... Assim: toda vez que alguém vem e me fala “e aí, que qual é a diferença de podcast pra rádio?” eu tenho muita dificuldade de responder essa pergunta, porque eu acho que nenhuma das duas coisas são gênero, sabe? Elas duas são canal. Muitas vezes falam assim “ah, mas tal coisa não é podcast, porque é só uma entrevista”. Mas gente, se a essa distribuição é feita nesse formato, é um podcast! Ninguém vê a televisão uma coisa que é ao vivo, ou uma coisa que é gravada e fala “isso daqui não é televisão”. Se está sendo distribuído desse jeito, é e pronto!

Meu sonho era ter o Rádio Novelo Apresenta no *dial* também, sabe? Eu queria que a gente estivesse tocando em rádios. A gente tem até algumas conversas agora, finalmente o Praia dos Ossos vai passar na Rádio Inconfidência, em Minas. Eu tô feliz da vida com

isso! Vai passar todos os nossos originais antes do Apresenta, o Projeto Querino, o Tempo Quente, o Crime e Castigo. E eu acho que é isso, é chegar em mais gente, esse é o objetivo. Então coisas que são muito editadas, que tem muito roteiro, podem passar no *dial*, assim como podem passar em podcast; e coisas com menos roteiro, com menos estrutura, também podem passar no formato podcast; tem mesas redondas que é super gostoso de ouvir e que tem pouca organização antes de sentar pra falar, mas você quer ouvir a pessoa falando daquele jeito, é aquilo que você tá afim de consumir.

O que a gente queria fazer era ser uma produtora de podcast jornalístico. Ser um lugar em que principalmente jornalistas fazem as coisas, entregar um jornalismo de qualidade, com compromisso ético, com compromisso profissional, que seja um lugar possível pra você ser um jornalista freelancer, poder freelar que nem se freela pra uma revista.

E começa também com muito compromisso com a história, que a pessoa não vá consumir só porque é o que ela precisa saber. Tem muitas outras pessoas fazendo isso com competência, podcasts jornalísticos com a notícia quente. A gente quer contar a história, que tenha espaço pra ensaio, que tenha espaço pra uma história pessoal, que tenha espaço pra um assunto que não é um assunto do momento – às vezes calha de ser, mas na maioria das vezes não. A gente vai falar sobre *isso*, porque veio essa boa história, tipo a do Ernesto [da caixa de comentários, mencionada anteriormente] e a gente quer contar essa história e tem espaço pra isso.

Então pro Rádio Novelo Apresenta, especificamente, eu tava sentindo muita falta de ter um lugar pra você freelar, porque parecia que era a volta do fanzine, que você tinha que apurar, escrever, bater a máquina, imprimir no mimeógrafo, sair distribuindo você mesmo... porque são muitas habilidades diferentes pra botar um podcast em pé que a pessoa sozinha tinha que fazer pra criar um canal. E pra você fidelizar, ter ouvinte, pra uma história? Então assim, você tem uma história que pra você contar vai ter que criar uma série, pra você fazer aquele canal. É trabalhoso. Por exemplo, a gente fez o Praia dos Ossos. Puta trabalho de dois anos. Oito episódios, acabou, aquele canal morreu, entendeu? Se a gente for fazer um novo podcast, vai ter que criar um outro canal. Eu queria que tivesse um lugar que a pessoa não precisasse pensar muito. Tipo “eu tenho

aqui uma hora pra pegar esse ônibus. Eu quero ouvir um negócio. Eu sei onde vai ter uma coisa certa, legal pr'eu escutar, com temas variados, mas que eu confio na curadoria das histórias que vão me trazer, é a Branca, que eu já conheço, que tá trazendo e que vai me apresentar essa coisa”, só que, ao mesmo tempo, é a Branca passando o bastão, né? Passando o microfone pra outras pessoas trazerem suas histórias. Então, a vontade era que tivesse um espaço tanto pra freelas, jornalistas, quanto pra uma pessoa que quer contar a sua história. Até mais do que gente querendo freelar, o que a gente recebe é gente querendo que aquela história vá ao ar, sabe? Às vezes não é nem jornalista, às vezes aconteceu na família ou a pessoa só quer ouvir a história mesmo, nem quer fazer, mas quer que a gente vá atrás, então isso é muito legal.

Deyse Alini de Moura: *Com relação às editoriais de vocês, às escolhas dos temas. Minha pesquisa é sobre comunicação indígena, e foi um programa de vocês com esse tema que me fez ter curiosidade de vir aqui. Essa inclusão de pautas mais diversas, como surgiu? Surgiu naturalmente ou de uma preocupação ativa?*

Paula Scarpin: Desde que a gente criou a Rádio Novelo, a gente é declaradamente progressista, feminista, antirracista, contra LGBTQIA+fobia; a gente quer ser um espaço para as pessoas, com as suas próprias vozes, contarem as coisas. Então tem que ser uma busca ativa, porque se a gente fica sentado esperando só as coisas virem... Por mais que a gente tente ter uma equipe o mais diversa possível, a gente deve ter hoje eu acho que um terço, talvez, da Rádio Novelo de pessoas negras; não temos nenhum indígena funcionário. Todas as pessoas, entre brancos e negros, são quase todas do Sudeste, sabe? Mesmo quando a gente tinha pessoas de outra região – tinha duas pessoas que eram nordestinas, uma cearense e uma baiana, que já saíram, mas moravam no Rio, em São Paulo. A pandemia facilitou um pouco, de mostrar que dava pra trabalhar de casa, tanto fazia, não precisava estar no escritório todo dia. Mas se ficar esperando a pauta surgir, só da gente, fica meio que “ah, meu amigo ouviu essa história”. Então, a gente tem que ter a busca ativa e fica muito de olho nos nossos parâmetros. A gente criou parâmetro pra tudo. Essa história tem quatro entrevistados.

Quantos são homens? Quantos são mulheres? Alguma mulher trans? Tem algum homem trans? De onde? De que Estado que são esses entrevistados? O apresentador é homem, é mulher? É de que Estado? É branco, é negro, é indígena? Então a gente fica tentando e, mesmo assim, com muita preocupação, a gente vê que a gente faz muito mais história do Sudeste do que história de outros cantos do país. A gente fica assim: isso tá acontecendo em Alagoas, a gente precisa cobrir. A gente vai ter que achar um bom repórter em Alagoas, apresentar pra ele o projeto, ver se ele se interessa em cobrir, fazer pra gente nesse esquema, como que ele prefere, se ele prefere escrever, se ele prefere que a gente escreva, combinar.

A busca é ativa o tempo inteiro pra gente ser plural, porque eu acho que isso enriquece o nosso produto. Não é porque a gente é bonzinho, porque a gente acha que vai ficar mais bonito. É pra ter jornalismo de melhor qualidade. É um compromisso que a gente tem desde o começo. E no Rádio Novelo Apresenta a gente tem mais espaço pra fazer isso, justamente pelo caráter de ter muita história, então dá pra variar mais, né? Não é aquele compromisso com aqueles oito episódios de Praia dos Ossos que a gente não tinha como fugir do Sudeste, já que tudo aconteceu aqui no Sudeste.

Deyse Alini de Moura: *Em termos da qualidade técnica, você acha que a Novelo acabou se tornando também um parâmetro? Um exemplo pra outros canais que querem seguir essa linha ou que não seja necessariamente de podcast de jornalismo, mas que seja de entrevista. Porque o podcast, enquanto ferramenta, o bacana é isso, né? Às vezes quem consome pode produzir. Isso pode inspirar, né?*

Paula Scarpin: É muito democrático, né? Muito legal porque, primeiro que você consegue fazer o grosso, né? Você falou da qualidade técnica, a gente tem uma preocupação porque esse é um norte nosso. Mas o mais importante de tudo é a história. E aí é você com um celular, você consegue gravar. Tem podcasts muito legais que eu consumo e que eu sei que as pessoas gravam por Zoom, né? Fazendo entrevista ou mesa redonda mesmo, cada um num canto do país gravando e tal. É lógico que é melhor se a pessoa conseguir ter uma qualidade técnica, que você vai conseguir ouvir no ônibus sem

prejuízo, porque às vezes tá com uma qualidade que não é excelente, quando você entra no ônibus não consegue entender mais nada que a pessoa tá falando. Mas ter essa coisa, estar todo mundo com o celular na mão o tempo todo, poder gravar, qualquer um poder subir de graça. O podcast é muito democrático, então eu acho revolucionário isso de a gente ter um meio que consiga chegar em tanta gente. O desafio é conseguir fazer ter sucesso, né? Porque já tem tanta coisa no ar que você conseguir fazer que a pessoa escute, que ela conheça o projeto que você tem... lógico que sempre tem gente caçando e você vai encontrando seus nichos. Mas é um desafio.

Referências

AbPod – Associação Brasileira de Podcasters. Disponível em: <<https://abpod.org/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

JORNAL DA USP. Formato de podcast virou mania para pessoas que consomem áudio. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/formato-de-podcast-virou-mania-para-pessoas-que-consohem-audio/>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

NASCIMENTO, L. G. **Etnocomunicação** Indígena como Prática de Liberdade Decolonialista e Ancestral. Curitiba: Editora Appris, 2021.

TUPINAMBÁ, R. M. Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos. Disponível em: <<https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios>>. Acesso em: 22 jan. 2022.